



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**MONIQUE HELOÍSA DE SOUZA**

*SER-MÃE:*

*olhares interseccionais sobre a maternidade*

Florianópolis  
Junho de 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**MONIQUE HELOÍSA DE SOUZA**

*SER-MÃE:*

*olhares interseccionais sobre a maternidade*

PROJETO de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina **Técnicas de Projetos em Comunicação**, ministrada pela **Profa. Gislene Silva**, no primeiro semestre de 2017.

ORIENTADORA INDICADA: Prof<sup>ª</sup>. Daiane Bertasso  
Ribeiro

Florianópolis  
Junho de 2017

	<b>FICHA DO TCC</b> <b>Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC</b>
<b>ANO</b>	2017.2
<b>ALUNA</b>	Monique Heloísa de Souza
<b>TÍTULO</b>	Ser-mãe: olhares interseccionais sobre a maternidade
<b>ORIENTADORA</b>	Daiane Bertasso Ribeiro
<b>MÍDIA</b>	X Impresso Rádio TV/Vídeo Foto Website Multimídia
<b>CATEGORIA</b>	<p>Pesquisa Científica Produto Comunicacional Produto Institucional (assessoria de imprensa) Produto Jornalístico (inteiro) <b>Local da apuração:</b></p> <p>X Reportagem  livrorreportagem (X) (X) Florianópolis ( ) Brasil  livro de perfil ( ) ( ) Santa Catarina ( ) Internacional  ( ) Região Sul</p>
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo; Gênero; Interseccionalidade; Maternidade; Livrorreportagem.
<b>RESUMO</b>	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe debater os significados que as mulheres indígenas e quilombolas da Grande Florianópolis atribuem ao ser-mãe, tendo como referência as teorias de gênero baseadas nas interseccionalidades entre classe, etnia, religião e geração. A maternidade é designada como um papel social, uma relação que depende de um conjunto de normas e que solidifica a posição de um indivíduo na estrutura social. Como outros papéis sociais, ela muda conforme as manifestações sociais e culturais das sociedades. É frequentemente associada aos conceitos de instinto materno e de obrigatoriedade, como no caso das mulheres brancas. No caso das mulheres indígenas e quilombolas, é ligada à preservação do território. Estruturado em formato de livrorreportagem, o texto se divide em um abre e quatro capítulos, um para cada eixo de interseccionalidade abordado. Como fontes, serão ouvidas mulheres que representem as culturas indígena e quilombola, assim como psicólogas/os, sociólogas/os, antropólogas/os e outras/os profissionais dedicadas/os ao estudo do tema.</p>

## SUMÁRIO

<b>1. EMENTA.....</b>	<b>5</b>
<b>2. RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>3. DESCRIÇÃO.....</b>	<b>7</b>
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	7
3.2 JUSTIFICATIVAS.....	11
3.2.1 Tema.....	11
3.2.2 Mídia.....	14
3.2.3 Local.....	15
3.3 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	16
3.4 FONTES.....	19
3.5 FORMATO E ESTRUTURA .....	21
<b>4. CRONOGRAMA.....</b>	<b>21</b>
<b>5. ORÇAMENTO.....</b>	<b>22</b>
<b>6. FINALIDADES.....</b>	<b>23</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>
<b>8. BIBLIOGRAFIA A SER CONSULTADA.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO A - Termo de aceite do orientador.....</b>	<b>30</b>

## **1 EMENTA**

### **1.1 Título do projeto**

Ser-mãe: olhares interseccionais sobre a maternidade (título provisório)

### **1.2 Natureza do projeto**

Livrorreportagem

### **1.3 Aluna responsável**

Monique Heloísa de Souza (moniquehsouza@outlook.com)

### **1.4 Suporte do projeto**

Impresso

### **1.5 Instituições envolvidas**

Universidade Federal de Santa Catarina

### **1.6 Semestre programado para realização**

2017.2 (segundo semestre de 2017)

### **1.7 Custos e fontes de financiamento**

R\$ 970,00 financiados com recursos próprios

### **1.8 Indicação do professor orientador**

Professora Daiane Bertasso Ribeiro

## **2 RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe debater os significados que as mulheres indígenas e quilombolas da Grande Florianópolis atribuem ao ser-mãe, tendo como referência as teorias de gênero baseadas nas interseccionalidades entre classe, etnia, religião e geração. A maternidade é designada como um papel social, uma relação que depende de um conjunto de normas e que solidifica a posição de um indivíduo na estrutura social. Como outros papéis sociais, ela muda conforme as manifestações sociais e culturais das sociedades. É frequentemente associada aos conceitos de instinto materno e de obrigatoriedade, como no caso das mulheres brancas. No caso das mulheres indígenas e quilombolas, é ligada à preservação do território. Estruturado em formato de livrorreportagem, o texto se divide em um abre e quatro capítulos, um para cada eixo de interseccionalidade abordado. Como fontes, serão ouvidas mulheres que representem as culturas indígena e quilombola, assim como psicólogas/os, sociólogas/os, antropólogas/os e outras/os profissionais dedicadas/os ao estudo do tema.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Gênero; Interseccionalidade; Maternidade; Livrorreportagem.

### 3 DESCRIÇÃO DO PROJETO

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Fosse local, brasileira ou estrangeira, a imprensa corroborou com a necessidade que as sociedades sentiram de, ao longo da história, classificar as mulheres em diversos papéis sociais. Fatores econômicos, políticos e culturais influenciaram para que fossem pautadas, classificadas, sempre relacionadas a alguém, ao outro – fosse esse outro masculino ou não. Com a maternidade não foi diferente. A exclusividade do fator biológico inicialmente fez com que a função maternal fosse atribuída às mulheres. Como qualquer relação social, essa atribuição também foi se modificando conforme o passar do tempo, mas ainda hoje predomina o imaginário social de que o cuidado com os filhos deve ser delegado apenas a elas (FARIA, 2005, s.p.).

Diversas autoras abordaram a maternidade em contraponto à visão hegemônica sobre o tema. Badinter (1985) apresentou como um mito o amor materno ligado ao instinto e à biologia, questionando o rótulo patológico associado à mulher que não apresentava esse amor como uma qualidade inerente. Para isso, a autora norte-americana relembrou em seu texto o costume europeu dos séculos XVII e XVIII de entregar recém-nascidos às amas de leite, para serem criados longes das mães. Segundo estatísticas apresentadas por Badinter, um quarto das crianças não sobreviviam a esse distanciamento, em função da viagem, da fraqueza do leite da ama, de péssimas condições higiênico-sanitárias, fatores climáticos, entre outros. Nem por isso as mães se preocupavam em manter os filhos perto de si ou mesmo em procurar saber o que lhes havia acontecido, provando que o amor materno incondicional não se trata de um instinto ou de uma obrigatoriedade, e sim da formação de vínculo entre progenitora e criança.

Friedan (1971) contesta o sonho feminino que a norte-americana apresenta, a partir da década de 1950, de ser mãe, esposa e dona de casa, assim como a visão social e midiática desse papel:

Finalmente, em brilhante contraste, vê-se a dona de casa e mãe, que vive feliz no seu papel “diferente”, na sua “feminilidade sem par”, na “receptividade e passividade implícitas na sua natureza sexual”. Dedicada à própria beleza e à função de procriar, “tem atitudes verdadeiramente femininas, é admirada pelos homens, pela maravilhosa capacidade, concedida por Deus, de usar saias, com tudo o que isso implica”. (FRIEDAN, 1971, p. 52).

Imaculada Kangussu divide com André Chechinel e Eduardo Subirats um capítulo do livro *Filosofia: machismos e feminismos*. Em sua parte do capítulo, que ela denominou *O oco excelso*, inicia com a primeira representação da mulher na arte (um oco, um buraco, um vazio), apresentando a forma sexualizada e reprodutiva como a mulher foi encarada ao longo da história e como essa visão do corpo feminino passou de acolhedora a assustadora. Com a desvalorização do que representa a figura da mulher, o vazio começa a ser enxergado como uma falha, uma lacuna a ser preenchida, o que obviamente leva ao falo – de maneira mais imediata – e, a longo prazo, à gravidez.

Ao debater a questão do aborto, Tiburi (2014) discorda da classificação da mulher como uma hospedeira para que o embrião se desenvolva, em uma clara preferência da vida fetal à vida materna. A mulher é tratada como *mero corpo que pode gerar e parir*, mas não tem o direito de tratar o embrião como um corpo que pode ser extraído do seu próprio (grifo da autora) (TIBURI, 2014, p. 167).

Apesar das colocações extremamente pertinentes e atuais, independentemente dos contextos em que foram feitas, as autoras citadas acima fizeram pouco ou quase nenhum esforço no sentido de discutir a maternidade de acordo com divisões interseccionais. Ao tratar de interseccionalidade, adota-se neste projeto o conceito elaborado por Butler (1990):

[...] há o problema político com que depara o feminismo na suposição de que o termo mulheres denota uma identidade comum. Ao invés de um significante estável que dispõe da aprovação daquelas as quais ele se propõe descrever e representar, mulheres, mesmo no plural, se tornou um termo problemático, um lugar de contestação, uma causa de ansiedade. [...] Se “é” uma mulher, certamente isso não é tudo o que se é; o termo não consegue ser exaustivo, não porque uma “pessoa” pré-generificada transcende a parafernália específica do seu gênero sexual, mas porque o gênero não é sempre constituído de forma coerente ou consistente em contextos históricos diferentes, e porque o gênero tem uma intersecção com modalidades raciais, de classes, étnicas, sexuais e regionais de identidades construídas discursivamente. Como resultado, torna-se impossível separar gênero das intersecções políticas e culturais nas quais ele é invariavelmente produzido e mantido (BUTLER, 1990, p. 41, tradução minha)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No original: [...] there is the political problem that feminism encounters in the assumption that the term women denotes a common identity. Rather than a stable signifier that commands the assent of those whom it purports to describe and represent, women, even in the plural, has become a troublesome term, a site of contest, a cause for anxiety. [...] If one “is” a woman, that is surely not all one is; the term fails to be exhaustive, not because a



A autora entrelaça o conceito de gênero às noções – às intersecções, como ela salienta – de raça, classe, etnia, sexualidade e regionalidade, assim como a intersecções políticas e culturais. Qualquer aspecto das questões de gênero pode ser trabalhado em relação a esses e outros contextos, e isso também se aplica à maternidade. Apesar de uma maioria considerável dos estudos a respeito de maternidade se referir às mulheres de maneira universal – sempre categorizando-as nas vivências das mulheres brancas, de classe média, heterossexuais, descendentes de povos não colonizados, residentes em áreas urbanas –, a realidade vai além. Esse é um problema presente não apenas em trabalhos teóricos ou acadêmicos; a imprensa brasileira trata o tema de uma maneira homogênea<sup>2</sup> e superficial<sup>3</sup>, muitas vezes colocando, como modelos de maternidade, mulheres que levam uma vida fora do que é considerado cotidiano (celebridades, por exemplo<sup>4</sup>).

Apesar da importância das obras de autoras como Betty Friedan e Elisabeth Badinter, elas descrevem, em seus contextos históricos, sociais e raciais, a pressão que as mulheres brancas sofrem com a imposição da maternidade e da vida doméstica. Outros trabalhos, porém, fizeram um contraponto, tratando do assunto de maneira interseccional ao abordar pelo menos dois dos diversos eixos que a interseccionalidade pode trazer.

Isabel Löfgren e Patricia Gouvêa são duas artistas e pesquisadoras que começaram a trabalhar juntas em 2005, quando participaram do grupo artístico Desordem Obsessiva Compulsiva (DOC). Em 2016, um de seus projetos foi contemplado por um edital da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro: nascia a exposição *Mãe Preta*, um extenso trabalho de pesquisa, que liga obras e documentos históricos às vivências das mulheres negras durante o período escravocrata. As mães pretas eram, segundo as artistas,

Mulheres escravizadas tornadas em puro leite negro: a possibilidade de vida para as crianças brancas dos senhores e de morte certa para seus próprios filhos. [...] Para cada afeto consentido entre a ama e sua pequena

---

pregendered “person” transcends the specific paraphernalia of its gender, but because gender is not always constituted coherently or consistently in different historical contexts, and because gender intersects with racial, class, ethnic, sexual, and regional modalities of discursively constituted identities. As a result, it becomes impossible to separate out “gender” from the political and cultural intersections in which it is invariably produced and maintained. (BUTLER, 1990, p. 41).

<sup>2</sup> Muniz (2015); Futema (2017).

<sup>3</sup> Öberg (2017); Bom Dia Santa Catarina (2017).

<sup>4</sup> RIC Mais (2017); GShow (2017); O Estado de S. Paulo (2017).

“filha” branca houve uma bebê negra arrancada dos braços, depositada na roda dos expostos ou entregue ao azar para morrer. Aquelas mais afortunadas puderam talvez contar com o colo da mãe antes de serem lançadas ao mercado como mais um par prematuro de seios lactantes. Aquelas já nascidas em “ventre livre” puderam almejar quiçá uma vida em liberdade, ao menos por decreto. E todas conhecemos na pele o poder dos decretos sobre o corpo da mulher brasileira. Nas imagens de mulheres escravizadas que seguram seus bebês amarrados em panos às costas nas lavouras ou nas ruas das cidades brasileiras, existe a tentativa de fazer vingar aquele fruto feito do amor com um parceiro de vida na senzala ou do estupro de seus senhores. São sempre detalhes sutis que aqui tornamos explícitos em imagens que, de tão vistas não são mais enxergadas. (LÖFGREN; GOUVÊA, 2016, p. 6).

Davis (2016) também retoma o aspecto histórico das mulheres negras na escravidão, mas explora a ligação delas com os próprios filhos. Diferentemente das mulheres brancas, não era esperado das escravas que fossem esposas, donas de casa, mães (no sentido maternal, e não biologicamente materno, da palavra). As negras eram vistas como força de trabalho, que se diferenciava da masculina apenas por ser castigada com mais uma forma de violência – a sexual.

A relação delas com a maternidade era limitada somente à procriação; eram chamadas reprodutoras, enxergadas como verdadeiras máquinas de fazer mais escravos. Muitas matavam os próprios filhos e filhas, para que não tivessem que sofrer do mesmo destino que elas. Ainda assim, o ambiente familiar era o único em que não estavam sujeitas à dominação branca, o que conferia à família e à prole importância crucial na vida das mulheres negras.

Quanto às mulheres quilombolas, os estigmas históricos a que são associadas têm a mesma origem que os das mulheres negras que não vivem em quilombos. Apesar das particularidades, a escravidão deixou suas marcas de forma intensa nos dois grupos. No caso da maternidade quilombola, porém, principalmente pela ligação forte com as religiões de matrizes africanas, as *Iyás* (mães) são extremamente valorizadas (SANTOS, 2012, p. 55).

Há divergências de pontos de vista de autores em relação ao grau de participação das mulheres quilombolas. Enquanto Santos, por exemplo, eleva-as a um papel de liderança em suas comunidades, Souza e Araújo (2014) relacionam a colocação dessas mulheres em suas sociedades de uma forma mais submissa, dependente da figura masculina, responsável pelo cuidado com a casa e com os filhos. Böschmeier (2010) apresenta uma mulher quilombola mais livre, que se permite relacionamentos casuais e filhos fora do casamento, que recebe suporte de

mulheres mais velhas. As crianças da comunidade não possuem apenas as mães biológicas, mas sim uma rede de cuidados que mostra uma união feminina entre gerações.

Em uma procura por materiais jornalísticos sobre comunidades quilombolas, foi possível perceber a invisibilização desses povos, mencionados majoritariamente em notícias e reportagens sobre demarcação de territórios, políticas assistencialistas e denúncias de violências.

Os povos indígenas são, em alguns sentidos, melhor representados em materiais jornalísticos. É possível encontrar matérias que tratam das questões indígenas com seriedade, responsabilidade, respeito, precisão, sensibilidade. Algumas mídias tradicionais e alternativas fizeram um esforço para tratar, inclusive, da questão da maternidade indígena e o que ela representa para essas comunidades<sup>5</sup>.

Tanto as matérias jornalísticas quanto estudos a respeito do tema mostram que a significação da maternidade indígena depende de diversos fatores, como o status das mulheres dentro das comunidades, a proximidade dessas comunidades com a área urbana, os mitos e religiões cultuados, assim como a influência da cultura não-indígena para esses povos.

Azevedo e Adorno (2007) estudaram, por exemplo, a juventude e a reprodução entre os Guarani-Mbyá da aldeia Morro da Saudade, na periferia de São Paulo. Em suas investigações, descobriram uma visão da maternidade indígena como forma de ligação entre os mundos terreno e sobrenatural, mas cada vez mais essa função social das mulheres vem sendo postergada em razão da vida acadêmica e profissional, principalmente porque a maior parte da responsabilidade pelo cuidado com os filhos fica a cargo da figura feminina.

Diante do que foi exposto, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende trabalhar e explorar a questão das maternidades branca, indígena, negra e quilombola, trazendo como base teórica os olhares interseccionais dos movimentos feministas.

## 3.2 JUSTIFICATIVAS

### 3.2.1 Tema

No primeiro semestre de 2016, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ofereceu em sua grade a disciplina Jornalismo e Gênero. A dinâmica da

---

<sup>5</sup> Vieira e Valle (2013), Dreher (2016), Nações Unidas no Brasil (2016), Oliveira (2017).

disciplina consistia em as alunas e os alunos terem exposições, com palestrantes diferentes, sobre temas relacionados a gênero e que fossem abordados de uma perspectiva jornalística e humanística.

Em uma das aulas, nós, alunas e alunos da disciplina, tivemos contato com o feminismo negro por meio da palestra da mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, Nathalia Dothling Reis. Durante suas considerações, ela evidenciou algumas relações entre feminismos e maternidade que me chamaram a atenção. Em minhas vivências de feminismo branco – em um ambiente universitário que, mesmo separado do resto do mundo por uma bolha ideológica, ainda é composto majoritariamente por estudantes brancas e brancos –, nunca havia questionado que a maternidade era uma pauta com ângulos diferenciados entre um feminismo e outro.

Como as relações apresentadas por elas foram pouco aprofundadas naquela aula, principalmente pelo tempo que tínhamos para discutir tantos assuntos relacionados ao feminismo negro, a curiosidade sobre o tema me acompanhou mesmo após o fim da disciplina. O Trabalho de Conclusão de Curso surgiu como uma oportunidade para descobrir mais sobre a problemática e desmistificar algumas visões estereotipadas sobre maternidade, assim como sobre alguns dos feminismos.

Além disso, as escolhas que as mulheres fazem sobre o ser-mãe afetam decididamente a sociedade como um todo. O Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa sobre nupcialidade, fecundidade e migração, constatou que a taxa de fecundidade total no Brasil diminuiu consideravelmente nas últimas seis décadas. Até 1960, essa taxa era de 6,0 filhos por mulher, mas atingiu a marca de 1,9 filho no ano em que foi realizado o censo.

A essa queda, atribui-se diversos fatores, como desigualdades econômicas, mudanças institucionais, padrões de consumo, custos de ter um filho. As interseccionalidades, com todos os seus aspectos culturais e sociais, também influenciam nessa escolha.

<b>Fator de influência</b>		<b>Número de filhos por mulher (referente a 2010)</b>
Urbanização	Área urbana	1,79
	Área rural	2,63

Cor ou raça	Branças	1,63
	Pretas	2,12
	Pardas	2,12
	Indígenas	3,88
Nível de instrução	Sem instrução e fundamental incompleto	3,09
	Fundamental completo e médio incompleto	2,54
	Médio completo e superior incompleto	1,34
	Superior completo	1,14
Renda domiciliar <i>per capita</i> (número de salários mínimos)	Até ¼	3,9
	Mais de ¼ a ½	2,67
	Mais de ½ a 1	1,88
	Mais de 1 a 2	1,3
	Mais de 2 a 3	1,1
	Mais de 3 a 5	1,07
	Mais de 5	0,97
	Sem rendimento	2,03

Fonte: Tabela adaptada das informações fornecidas pelo Censo Demográfico de 2010 do IBGE. É importante notar que todos os valores são relacionados às médias nacionais. Esses valores mudam dependendo do estado e da região.

Conforme indica o censo, as mulheres negras e pardas apresentam taxas de fecundidade maiores em uma faixa etária mais jovem (20 a 24 anos) se comparadas às mulheres brancas (25 a 29 anos), e também em valores gerais. Para as mulheres indígenas, além de uma quantidade maior de filhos, o censo indica uma alta taxa de fecundidade acima dos 40 anos (aprox. 6%, de 40 a 44 anos).

Acreditando que relações como essas apresentadas acima não são casuais ou aleatórias e que estão relacionadas às mudanças culturais ao longo das décadas e aos novos significados do ser-mãe, a relevância do trabalho está em compreender as realidades das mulheres indígenas e quilombolas da Grande Florianópolis e de que maneira elas vivenciam a experiência da maternidade – ou da não maternidade.

O formato impresso foi escolhido por diversas razões. Além da familiaridade com materiais jornalísticos impressos, aos quais direcionei meus estudos durante toda a graduação por meio de optativas, é possível que algumas das fontes não queiram aparecer em vídeo. É possível também que algumas das mulheres que pretendo entrevistar, por motivos culturais, religiosos ou outros, não queira ter sua imagem representada em formato de vídeo ou fotografia. O formato impresso evita de antemão este tipo de problema.

### 3.2.2 Mídia

Dos muitos estudos acerca do livrorreportagem, os trabalhos de Edvaldo Pereira Lima são reconhecidos por sua completude e qualidade. Para Lima (1998), o livrorreportagem tanto amplia o trabalho da imprensa cotidiana, do que ele denomina mídia tradicional, como também direciona a atenção para campos e temas tratados pelos veículos jornalísticos de forma superficial – ou, às vezes, nem mesmo tratados.

Um dos tabus da prática jornalística atual é superado pelo autor de forma direta e ponderada: a representação do passado.

[...] o passado não é estanque, algo que acabou e ponto final. Muito do que já ocorreu há tempos é o que governa o nosso dia-a-dia de hoje. Ao mesmo tempo, o passado não é algo linear, unidimensional. Existem, podemos dizer assim, diferentes "passados", ou diversificados níveis do tempo que já se foi, capazes de simultaneamente afetar o nosso presente. (LIMA, 1998, p. 19)

Este trabalho apresenta a preocupação de abordar um fato presente sem esquecer a perspectiva do passado. Mas, ao mesmo tempo, é mais que isso: não se trata simplesmente de usar o passado como um contexto para a apresentação de situações ou das culturas indígena e quilombola. Há uma intenção de passar ao leitor a ideia de que essa perspectiva passada ainda

influencia, ainda governa as relações sociais que existem hoje, de forma direta ou indireta; que ela ainda mistifica o olhar e o imaginário social em relação a essas culturas.

Em lugar da atualidade, o jornalismo de profundidade deve buscar ler a contemporaneidade, um conceito muito mais elástico do tempo presente, que transcende o meramente atual para focalizar com grande pertinência as implicações, hoje, de eventos que não se deram apenas ontem, mas sim há anos, décadas talvez. Isso porque a contemporaneidade abrange, muito mais do que meros fatos, tendências que se formam ao longo do tempo nas mais diversas esferas da vida social, muitas vezes combinando-se e se relacionando nesse desenrolar. É esse trabalho de paciência detetivesca, encontrando ligações entre as coisas, que permite constatar o quanto do passado persiste no presente. (LIMA, 1998, p. 20)

Ao escolher o livrorreportagem como mídia, procuro utilizar os dois conceitos que o autor apresenta sobre o aprofundamento do tema: extensivo e intensivo. Extensivamente, a vantagem do livrorreportagem consiste em ampliar a gama e a qualidade dos detalhes da história a ser contada; quanto ao aprofundamento intensivo, há uma verticalização do tema, que “dinamiza a compreensão do tema focalizado pela reportagem, inserindo-o precisamente no contexto contemporâneo.” (LIMA, 1998, p. 29).

Ao tratar a maternidade por essas duas perspectivas, o objetivo é apresentar o tema ao leitor de modo que ele obtenha, por meio do trabalho (dos detalhes, da qualidade e da profundidade), uma bagagem de conhecimento que possibilite a formação de suas próprias ideias.

Para adquirir mais conhecimento sobre a produção desse tipo de material jornalístico, inspiro-me em livros que apresentam alto nível de qualidade, apuração e sensibilidade com as fontes, como, por exemplo, o trabalho de Brandalise (2017) sobre a eutanásia no Brasil e alguns Trabalhos de Conclusão de Curso de alunos do Departamento de Jornalismo da UFSC, como Domingues (2016) e Oliveira (2016).

### 3.2.3 Local

Quanto ao local, restringi a apuração à Grande Florianópolis tanto por questões financeiras quanto por pouca disponibilidade de tempo para viagens (conciliação de atividades acadêmicas curriculares, extracurriculares e estágio).

Sendo um tema de relevância independente de posição geográfica, este trabalho poderia ser realizado em qualquer cidade do país, de acordo com a presença de comunidades indígenas e quilombolas. Além dos motivos citados acima, há também a relevância de se tratar esse tipo de assunto em uma abordagem local. Tratar de maternidade em uma escala nacional deixaria de lado a interseccionalidade regional e as diferenças que as localidades em que essas mulheres vivenciam suas experiências podem trazer.

### 3.3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

Como dito anteriormente, como fontes, entrevistarei mulheres que representem as diversas interseccionalidades mencionadas, como classes, etnias, religiões e gerações. Este trabalho não abordará questões como identidade de gênero e sexualidade por serem os eixos interseccionais que mais fogem à proposta do recorte cultural. Há também a necessidade de tornar possível a abordagem do tema, visto que não seria viável caracterizar a maternidade para todos os tipos de interseccionalidades existentes.

Integrantes das famílias, companheiros e outras pessoas que convivem com as mulheres, que presenciam ou vivenciam junto a experiência da maternidade, também serão ouvidos, mas não necessariamente como fontes mencionadas no livrorreportagem. Participarão também do trabalho profissionais que trabalhem ou tenham trabalhado o tema da maternidade: psicólogas (os), sociólogas (os), antropólogas (os), assim como de outras áreas das ciências humanas e da saúde.

Além de anotações, gravarei as entrevistas em áudio para facilitar a etapa da redação do texto. Sempre que possível, as conversas deverão ser feitas individualmente e em mais de um dia, para que o assunto seja explorado ao máximo em seus detalhes e profundidade.

Com os profissionais das áreas, farei os contatos iniciais por telefone, e-mail, *Skype*, ou qualquer tipo de contato eletrônico que possibilite marcar as entrevistas presenciais. As fontes profissionais também serão os meios de contato com as entrevistadas principais. As entrevistas presenciais acontecerão, sempre que possível, nos locais em que as entrevistadas se sintam confortáveis, seja um lugar público, privado ou em suas comunidades. Também pretendo ilustrar o livrorreportagem com fotografias das mulheres, desde que elas se sintam à vontade com isso.



Outra preocupação a respeito deste Trabalho de Conclusão de Curso era que o produto final fosse realmente jornalístico, e não o resultado de uma vivência antropológica. Que pudesse oferecer um conteúdo contemporâneo, que possibilitasse ao leitor a aquisição de conhecimento, formação de opinião sobre o tema e o entendimento de como os fatores históricos influenciaram na maternidade como ela é vista hoje.

A aplicação de técnicas de enfoque, captação e descrição da realidade oriundas da antropologia permitiriam que o jornalista respeitasse ao máximo a cultura e a linguagem dos personagens, dando apenas alguns toques sutis e deixando o personagem livre para mostrar sua própria realidade (LIMA, 1998, p. 38). Brasil (2012) apresenta o conceito de antrojournalismo, corroborando com a visão de Lima (1998) sobre a importância das técnicas da antropologia para a produção de um material jornalístico de qualidade, principalmente no que remete à metodologia etnográfica, o trabalho de campo.

Entre a curiosidade por povos com costumes “exóticos” e a necessidade de um aprofundamento do noticiário internacional, pode ser que estejamos criando uma espécie de “antrojournalismo”. Ou seja, uma mistura entre as propostas totalizantes e científicas da antropologia com as técnicas jornalísticas mais voltadas para a popularização do conhecimento e do interesse geral do público. Definida como “uma certa atitude que filtra a maneira que vemos tudo mais na vida”, a antropologia pode não só evitar um pensamento reducionista mas também apontar melhores pautas para um novo jornalismo. (BRASIL, 2012, p. 209)

Um dos pontos destacados pelo autor é o fato de que essa mistura ajuda a evitar o “etnocentrismo” e a “homogeneização cultural”, o que é precisamente a intenção deste trabalho ao abordar a maternidade pelo viés da interseccionalidade: mostrar que o ser-mãe não precisa ser apenas visto pela perspectiva feminista branca – uma obrigação a ser cumprida, um instinto inevitável, uma prisão sem grades.

Outra característica do livroreportagem é a comunicação das técnicas jornalísticas com as técnicas literárias, herança do *New Journalism* – movimento que aconteceu nas décadas de 60 e 70, em uma época de grande efervescência cultural nos Estados Unidos, e que reuniu nomes pioneiros para revolucionar a produção jornalística (LIMA, 1998). O autor elenca alguns recursos literários que deram um salto de qualidade no *New Journalism*:

- Ponto de vista: centralização da narrativa sob a perspectiva de alguém que participa ou testemunha um acontecimento ou situação. É renovado pela turma do *New Journalism* na medida em que se perde a limitação de o repórter narrar sob um só prisma. O texto pode começar na primeira pessoa e logo pular para a terceira. O repórter não tem pudor em revelar suas impressões. Sua subjetividade é tão válida quanto a suposta “objetividade” da imprensa convencional.
- Fluxo de consciência: reprodução do pensamento do personagem, geralmente na forma desorganizada, como várias coisas nos vêm à mente.
- Ponto de vista autobiográfico: o repórter faz referência a ele próprio, no texto narrativo, como se fosse um personagem qualquer.
- Símbolos do cotidiano: registram gestos, costumes, hábitos, vestuário, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens, os relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade.
- Diálogos: empregados de modo solto, envolvente, para dar ritmo ao texto. Procura-se usá-los do modo mais natural possível.
- Construção cena-a-cena: a narração é organizada de modo a exibir o acontecimento ou a situação de que trata a reportagem como algo presente, em desdobramento no ato do mesmo, em que o leitor toma contato com o texto.

Tendo em vista as entrevistas presenciais e a investigação sobre as culturas branca, indígena, negra e quilombola, todos os recursos citados acima podem ser utilizados na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Importante destacar que o objetivo não é apenas ampliar a utilização das técnicas, mas, como explica Bulhões,

[...] o compromisso do jornalismo de ser um instrumento de revelação e desmascaramento da realidade social traduz-se na atitude literário-ficcional de lançar um olhar indiscreto, próprio da onisciência, a intimidades recônditas [...]. Fora das páginas dos jornais diários, sua extensão na malha de livros não é mera ampliação, mas redefinição de atributos em conformações peculiares. (BULHÕES, 2006, p. 200)

Dessa forma, apesar de o livrorreportagem aprofundar, sim, a narrativa do jornalismo tradicional, é imprescindível entender que as técnicas utilizadas mudam, assim como muda a linguagem e a maneira de contar as histórias.

### 3.4 FONTES

As fontes abaixo serão o ponto de partida para o contato com fontes posteriores, em especial as mulheres que vão figurar como personagens principais do trabalho. Inicialmente, serão listados apenas os profissionais e instituições que tratam do tema maternidade, bem como aqueles responsáveis pela preservação das culturas a serem retratadas no livrorreportagem.

#### **Nathalia Dothling Reis**

Bacharela em Ciências Sociais pela UFSC. Mestranda em Antropologia Social no PPGAS/UFSC. Pesquisadora no Núcleo de Estudos em Antropologia Fundamental (A-Funda)/UFSC. Áreas de pesquisa: Antropologia Feminista, Antropologia das Populações Afro-brasileiras, Teoria Antropológica, Antropologia da ciência e da técnica, Educação.

Contato: [nathaliadothling@hotmail.com](mailto:nathaliadothling@hotmail.com)

<https://www.facebook.com/nathaliadothlingreis>

#### **Laboratório de Pesquisa em Psicologia da Saúde, Família e Comunidade**

Vinculado à área de concentração 3 – “Processos psicossociais, saúde e desenvolvimento psicológico” – do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC.

Contato: (48) 3721-9984

#### **Laboratório de Relações de Gênero e Família (Labgef)**

Pertencente à Faculdade de Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), reúne pesquisadoras e pesquisadores que desenvolvem atividades acadêmicas sobre os temas da construção das relações de gênero no âmbito do feminino e do masculino; de práticas relativas à saúde reprodutiva e à sexualidade; das políticas sociais para família, infância e juventude, bem como movimentos sociais e populacionais contemporâneos. O aporte teórico das atividades acadêmicas caracteriza-se por um diálogo interdisciplinar na área das ciências

humanas, seja na análise de relações de gênero e de classe ou naquelas relativas à geração e etnia, com vistas a democratizar a produção do conhecimento na História e nas Ciências Sociais.

Contato: [coordenacao.labgef@gmail.com](mailto:coordenacao.labgef@gmail.com)

(48) 3321-8536

[www.facebook.com/labgef.udesc](http://www.facebook.com/labgef.udesc)

### **Coordenação Regional do Litoral Sul da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)**

A Coordenação Regional do Litoral Sul foi instituída para atender as etnias Xokleng da Terra Indígena Laklãnõ, localizada no Alto Vale do Itajaí/SC e a etnia Guarani do litoral do Paraná, litoral de Santa Catarina, litoral e interior do Rio Grande do Sul. A CR atende um total de 68 aldeias, sendo oito Xokleng e 60 Guarani.

Contato: (48) 3244.0584 ou 0469

[cr.litoralsul@funai.gov.br](mailto:cr.litoralsul@funai.gov.br)

[cr.litoralsul@gmail.com](mailto:cr.litoralsul@gmail.com)

### **Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial de Florianópolis – COPPIR:**

Contato: (48) 3251-6266

### **Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**

Articulação política nacional do movimento de mulheres, feminista e antirracismo, fundada em 1991. Tem abrangência nacional, estando composta por 12 Regionais organizadas no Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Distrito Federal. Integrada por organizações não-governamentais, grupos feministas, pesquisadoras e grupos acadêmicos de pesquisa, conselhos e fóruns de direitos das mulheres, além de ativistas do movimento de mulheres e feministas, profissionais da saúde e outras que atuam no campo da saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Contato: (48) 3025-4998

[redesaude@redesaude.org.br](mailto:redesaude@redesaude.org.br)

### **Tenda Vermelha da Raiz**

A Tenda Vermelha da Raiz tem como missão propiciar com os círculos de mulheres, estudos do Sagrado Feminino, o resgate das práticas ritualísticas do Sangue Menstrual, da sabedoria ancestral, de relembrar os instintos naturais da mulher e do despertar de sua conexão consigo mesma em sua mais profunda essência e raiz.

Contato: [tendavermelhadaraiz@gmail.com](mailto:tendavermelhadaraiz@gmail.com)

### **3.5 FORMATO E ESTRUTURA**

O livrorreportagem terá aproximadamente 90 mil caracteres, com páginas diagramadas no formato de livro comercial (13 cm x 20 cm). Ao longo do trabalho, sem posicionamento planejado, serão inseridas fotografias das mulheres entrevistadas (daquelas que permitirem as fotografias).

A intenção é manter a narrativa em um tempo não-cronológico e não-linear, intercalando períodos anteriores das vidas das entrevistadas com passagens das entrevistas, dinamizando e dando ritmo ao texto.

O livrorreportagem será dividido em uma abertura e quatro capítulos. A abertura terá aproximadamente 5 mil caracteres e servirá para explicar o teor do trabalho, por que abordar a maternidade em tantos contextos e a importância da interseccionalidade para o tema .

Cada capítulo trará a maternidade abordada em uma interseccionalidade diferente, intercalando personagens e contando suas experiências. Pretendo falar um pouco sobre a maternidade na cultura branca, sendo esta a cultura socialmente normativa e hegemônica, para fazer um comparativo com a maternidade nos contextos indígena e quilombola.

### **4 CRONOGRAMA**

<b>Atividade</b>	<b>Junho/ 2017</b>	<b>Julho/ 2017</b>	<b>Agosto/ 2017</b>	<b>Setembro /2017</b>	<b>Outubro /2017</b>	<b>Novembro/ 2017</b>	<b>Dezembro/ 2017</b>
<b>Pré-apuração e contato com as</b>	X	X	X				

<b>fontes</b>							
<b>Leitura de material</b>	X	X	X	X			
<b>Apuração e entrevistas</b>		X	X	X	X		
<b>Redação</b>					X	X	
<b>Envio da 1ª versão para a orientadora</b>						X	
<b>Edição</b>						X	
<b>Envio da 2ª versão para a orientadora</b>						X	
<b>Revisão e diagramação</b>						X	
<b>Apresentação</b>							X

## 5 ORÇAMENTO

Os valores aqui descritos estão sujeitos a alterações conforme necessidade de mais viagens aos locais de apuração. No total, a previsão inicial de gastos é de R\$ 970,00.

Item	Descrição	Quantidade	Valor	Fonte
Equipamento	Gravador (será usado o gravador do celular)	1	-	Própria
Equipamento	Câmera fotográfica Nikon D3100, com lente 18-55mm e carregador	1	-	Própria
Transporte	Combustível para viagem de carro até Santo Amaro da	8 (quatro idas e quatro voltas)	R\$ 150	Própria

	Imperatriz, Balneário Camboriú e Rio Vermelho (comunidades quilombolas)			
Transporte	Combustível para viagem de carro até a Vila de São Miguel, em Biguaçu, Grande Florianópolis (comunidade indígena)	4 (duas idas e duas voltas)	R\$ 50	Própria
Transporte	Passagens de ônibus para entrevistas a serem realizadas na região da Grande Florianópolis	Sem previsão de quantidade	Aprox. R\$ 70	Própria
Impressão do produto final	Livrorreportagem entre 60 - 75 p., colorido.	5	Aprox. R\$ 700	Própria

## 6 FINALIDADES

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma oportunidade de vivenciar experiências que o jornalismo tradicional muitas vezes não proporciona. O principal objetivo é contar as histórias de mulheres que experienciam, ou não, a maternidade de maneiras diferentes, de acordo com seus recortes culturais, e oferecer aos leitores a desmistificação de um tema que ainda hoje é ligado ao papel de gênero.

Durante todo o curso de graduação em Jornalismo, priorizei as atividades e disciplinas optativas relacionadas à área de produção de texto e de mídia impressa. Trabalhar com o formato do livrorreportagem é a chance de testar novas técnicas e, ao mesmo tempo, aplicar o que aprendi em minha dedicação à graduação.

Os principais trabalhos que desenvolvi ao longo do curso foram direcionados a questões de gênero: sexismo nas produções cinematográficas de Hollywood, pornografia de vingança, violência obstétrica, a dificuldade de inserção da tatuadora no mercado de trabalho, questões raciais e de gênero que permeiam a transição capilar, entre outros temas que envolviam as

vivências e experiências de mulheres. Trabalhar agora a questão da maternidade é uma maneira de dar continuidade a essa dedicação para desenvolver tanto bagagem acadêmica sobre o assunto quanto bons materiais jornalísticos para a informação dos leitores/espectadores/usuários a respeito desses assuntos.

## 7 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marcos Augusto P. de; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Juventude e reprodução entre os Guarani-Mbyá da aldeia Morro da Saudade na periferia da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo**, v. 2, n. 17, p.64-73, abr. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n2/08.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p. Tradução de Waltensir Dutra. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital\(pdf\)\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital(pdf)(rev).pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BOM DIA SANTA CATARINA. Combater gravidez precoce é responsabilidade de toda sociedade; especialistas comentam. **G1**. 27 mar. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/bom-dia-santa-catarina/videos/v/combater-gravidez-precoce-e-responsabilidade-de-toda-sociedade-especialistas-comentam/5760701/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú. **Natureza de mulher, nome de mãe, marca de negra: identidades em trânsito e políticas do corpo na comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros**. 2010. 283 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/12263/1/AnaGEB\\_DISSERT.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/12263/1/AnaGEB_DISSERT.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2017.



BRANDALISE, Vitor Hugo. **O último abraço**: uma história real sobre eutanásia no Brasil. São Paulo: Record, 2017. 140 p.

BRASIL, Antonio. Telejornalismo investigativo com antropologia e sem câmeras ocultas. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (Org.). **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012. Cap. 12. p. 203-215.

BULHÕES, Marcelo. Aproximações renovadas: Jornalismo de Livros?. In: BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2006. Cap. 9. p. 192-202.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. Nova York: Routledge, 1990. 256 p. Disponível em:

<[https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-gender\\_trouble.pdf](https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-gender_trouble.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

DOMINGUES, Ana Carolina. **Vidas pela voz**: histórias de pessoas na luta pela reabilitação vocal. 2016. 66 p. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DUARTE, Marina Oliveira. **Vidas salgadas**. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DREHER, Andressa. **Entrelaços – filhos de todos**. 2016. Disponível em:

<<http://azmina.com.br/secao/entrelacos-filhos-de-todos/>>. Acesso em: 01 maio 2017.

FARIA, Juliana Toledo de. **A maternidade**: a construção de um novo papel na vida da mulher. 2005. Disponível em:

<<http://br.monografias.com/trabalhos3/maternidade-construcao-papel-vida-mulher/maternidade-construcao-papel-vida-mulher2.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971. 323 p.

FUTEMA, Fabiana. Desafio de empreendedora materna é separar agenda pessoal da profissional; veja dicas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 17 jan. 2017. Blog Maternar: dilemas maternos e a vida além das fraldas. Disponível em:

<<http://gshow.globo.com/tv/noticia/sophie-charlotte-fala-sobre-retomar-a-carreira-apos-a-maternidade-a-volta-para-o-trabalho-esta-incrivel.ghtml>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

GSHOW. Sophie Charlotte fala sobre retomar a carreira após a maternidade: 'A volta para o trabalho está incrível!'. **Globo.com**. 28 abr. 2017. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/sophie-charlotte-fala-sobre-retomar-a-carreira-apos-a-maternidade-a-volta-para-o-trabalho-esta-incrivel.ghtml>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010. 346 p. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd\\_2010\\_nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao\\_amostra.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2017.

KANGUSSU, Imaculada; SUBIRATS, Eduardo; CHECHINEL, André. Feminismo em perspectiva tripla. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia (Org.). **Filosofia: machismos e feminismos**. Florianópolis: Editora Ufsc, 2014. Cap. 5. p. 81-106.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. 69 p. (Coleção Primeiros Passos).

LÖFGREN, Isabel; GOUVÊA, Patricia. **Mãe preta**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 2016. 17 p. Disponível em: <[http://www.maepreta.net/wp-content/uploads/2016/09/Mae\\_preta\\_katalog\\_2016.pdf](http://www.maepreta.net/wp-content/uploads/2016/09/Mae_preta_katalog_2016.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2017.

MUNIZ, Vivian Whiteman. Não existe contradição entre a maternidade e o feminismo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 08 nov. 2015. Blogay: a contribuição dos gays, lésbicas e travestis para o mundo. Disponível em:

<<http://blogay.blogfolha.uol.com.br/2015/11/08/nao-existe-contradicao-entre-a-maternidade-e-o-feminismo/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (Brasil). Organização das Nações Unidas. **Uma em cada cinco mulheres será mãe antes de terminar a adolescência nos países do Cone Sul, diz UNFPA**. 2016. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/uma-em-cada-cinco-mulheres-sera-mae-antes-de-terminar-a-adolescencia-nos-paises-cone-sul-unfpa/>>. Acesso em: 01 maio 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. Anne Hathaway compartilha primeira foto do filho. **O ESTADO DE S. PAULO**. São Paulo, 10 mar. 2017. E+. Disponível em:

<<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,anne-hathaway-compartilha-primeira-foto-do-filho,70001694408>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

ÖBERG, Barbara. Pais gastam até 10000 reais para decorar quarto de maternidade. **Veja São Paulo**, São Paulo, 07 abr. 2017. Semanal. Disponível em:

<<http://vejasp.abril.com.br/cidades/festa-maternidade-bufe/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

OLIVEIRA, Tony. O que pensam 5 mulheres indígenas que são lideranças em suas comunidades. **Carta Capital: ideias em tempo real**, São Paulo, 19 abr. 2017. Semanal. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-pensam-cinco-mulheres-indigenas-que-sao-lideranca-em-suas-comunidades>>. Acesso em: 01 maio 2017.

RIC MAIS. Leandra Leal fala sobre experiência da maternidade. **R7**. Curitiba, 11 abr. 2017. Disponível em:

<<https://pr.ricmais.com.br/famosos/noticias/leandra-leal-fala-sobre-experiencia-da-maternidade/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SANTOS, Maria José dos. **Trajetória educacional de mulheres Quilombolas no quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho-PE**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/10344/1/Maria Jose dos Santos.pdf](https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/10344/1/Maria%20Jose%20dos%20Santos.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2017.

SOUZA, P. B. ; ARAÚJO, K. A. . **A mulher quilombola: da invisibilidade à necessidade por novas perspectivas sociais e econômicas**. Florianópolis: CONPEDI, 2014, v. , p. 163-182.

TIBURI, Márcia. Aborto como metáfora. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia (Org.). **Filosofia: machismos e feminismos**. Florianópolis: Editora Ufsc, 2014. Cap. 8. p. 163-175.

VIEIRA, Amanda; VALLE, Isis. **Como é a maternidade indígena no Brasil hoje?** 2013. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2013/04/como-e-a-maternidade-indigena-no-brasil-hoje/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

## **8 BIBLIOGRAFIA A SER CONSULTADA**

CASTANHEL, Isadora Ruschel. **Guerreiras na fronteira: histórias de mulheres guarani e kaiowá que resistem em terras indígenas entre o Brasil e o Paraguai**. 2016. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173287/Isadora%20Ruschel%20Castanhel%20%5Brelatório%20técnico%5D.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 07 maio 2017.

MARTINS, Ana Paula Vosne. História da maternidade no Brasil: arquivos, fontes e possibilidades de análise. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. **Anais...** . Londrina: Anpuh, 2005. Disponível em:

<<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1099.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2017.

REIS, Ana Regina Gomes dos. **Do segundo sexo à segunda onda: discursos feministas sobre a maternidade.** 2008. 143 p. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em:

<[http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11060/1/Dissertação\\_Enf\\_Jovânia%20de%20Oliveira%20e%20Silva.pdf](http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11060/1/Dissertação_Enf_Jovânia%20de%20Oliveira%20e%20Silva.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2017.

SAKAMOTO, Leonardo; MANO, Máira Kubík (Org.). **A quem pertence o corpo da mulher?: reportagens e ensaios.** São Paulo: Departamento de Jornalismo Puc/sp e Repórter Brasil, 2013. 116 p.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e. **Significado da gravidez para a adolescente quilombola: um olhar etnográfico da enfermagem.** 2012. 185 p. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em:

<[http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11060/1/Dissertação\\_Enf\\_Jovânia%20de%20Oliveira%20e%20Silva.pdf](http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/11060/1/Dissertação_Enf_Jovânia%20de%20Oliveira%20e%20Silva.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2017.

ZANELLO, Vanessa; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a Psicologia.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. 176 p. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP\\_Livro\\_Aborto-2.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/CFP_Livro_Aborto-2.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2017.

## **ANEXO A – TERMO DE ACEITE DO ORIENTADOR**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

### **TERMO DE ACEITE DO ORIENTADOR**

Eu, Daiane Bertasso Ribeiro, professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, assumo a responsabilidade pela orientação, no semestre 2017.2, do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Monique Heloísa de Souza, matrícula 14102341, que tem como título provisório “Ser-mãe: olhares interseccionais sobre a maternidade”.

Florianópolis, 27 de junho de 2017.

---

**DAIANE BERTASSO RIBEIRO**